

OFICINA MU_sA **(Morfologia e Usos da Arquitetura)**

COORDENAÇÃO DA OFICINA:

José Clewton do Nascimento - Arquiteto-urbanista, professor PPGAU-DARQ-UFRN

ACOMPANHANTE:

Eduardo Rocha Lima - Arquiteto e doutorando PPG Arquitetura e Urbanismo/UFBA
e membro do Laboratório Urbano

Tempo(S) – Espaço(S) – Tempo(S) uma experiência em dois espaços públicos da cidade de Salvador

José Clewton do Nascimento

Arquiteto-urbanista, professor FPPGAU-DARQ-UFRN

Falarei aqui da minha primeira experiência como responsável por uma atividade de Oficina no evento *Corpocidade*, que trata, notadamente, da questão da “observação” dos espaços produzidos no espaço urbano, através da prática “do percorrer a cidade”. Trabalhamos em grupo, tentando identificar questões relacionadas às apropriações ocorridas nos espaços públicos percorridos. Esta atividade do “observar” objetivou captar os diversos usos e apropriações ocorridas nesses espaços, tratando da relação de espaço – tempo, em locais que foram predefinidos, aqui em Salvador. Foram dois espaços públicos: Praça da Piedade e o Largo Dois de Julho. Tratamos de trabalhar não somente estes espaços *per si*, mas as conexões entre eles.

MUsA

Eduardo Rocha Lima

Arquiteto-urbanista, doutorando PPG Arquitetura e Urbanismo/UFBA e membro do Laboratório Urbano

A OFICINA MU_sA E O ESTADO DE CORPO (EXTRA)ORDINÁRIO

A relação entre corpo e cidade, tema central do Seminário *Corpocidade*, foi abordada na Oficina MuSA pela teoria do espaço social de Henri Lefebvre.¹ Ou seja, a produção do espaço urbano entendida como a interpenetração de uma “ordem próxima” (relativa à lógica das relações de proximidade construídas e construtoras do cotidiano urbano) em uma “ordem distante” (relativa à lógica de uma ordem estabelecida, regida pelo Estado, a partir dos códigos dos especialistas) e vice-versa.² A complexidade da abordagem lefebvriana do espaço se consolida pelo foco na simultaneidade de forças de ordens distintas que atuam ativamente na produção material da cidade. Forças, muitas vezes opostas, que se interpõem e não que se sobrepõem que se interconectam e não se digladiam, como poderíamos pensar num jogo – ou numa

O grupo de oficinas foi composto por nove pessoas, apoiados pelo nosso “acompanhante”, Eduardo Rocha. Éramos, portanto, ao todo, onze pessoas, à maioria arquitetos, mas também com a presença de integrantes de outros campos disciplinares, como geografia e publicidade. Este aspecto foi interessante, pois foi possível também trabalhar, em um espectro mais amplo.

Em princípio, como responsável pela atividade, preferi não trabalhar sozinho: chamei duas pessoas que foram importantíssimas na minha formação acadêmica e na minha formação pessoal. Eu convidei Milton Santos e Ana Clara Ribeiro. Milton Santos deu sua contribuição a partir de um texto chamado *Os tempos na cidade* (1989) e Ana Clara Ribeiro que foi publicado no *Caderno CRH*, chamado *Sociabilidade hoje* (2005). Utilizei o fio condutor a questão da simultaneidade de tempos e de espaços. Os usos, apropriações e ressignificações. Os “gestos-fios”, que marcam essa escala do cotidiano, e que muitas vezes passam despercebidos pela lógica global. Eles nos conduziram nesse caminho.

Também chamei, convidei Henri Lefebvre, que preferiu contribuir somente “dando pitacos”, passando alguns e-mails. Às vezes, conversamos pelo Skype e inclusive sugeri que fossem observados os espaços “concebidos, vividos e percebidos”, na simultaneidade de lógicas que perpassam estes espaços, atravessados por fluxos múltiplos.

Nos percursos realizados, intercalamos momentos de parada e momentos de conexão. Foram feitos registros, discussões, conversas bastante instigantes. Desta socialização de impressões, foram constatados aspectos vinculados à relação tempo-espaço: os tempos simultâneos, tempo do passante, tempo do trabalho, tempo fortuito, o

luta – onde o lado mais forte seria “esmagador” do lado mais fraco. Não existe o forte e nem o fraco nesta relação conflituosa, segundo Lefebvre. Existem diferentes lógicas de ação que se entrecruzam atribuindo forma à concretude urbana; uma delas mais ligada ao rés-do-chão, ao tempo e à marca da pegada dos corpos que se apropriam do espaço e nele estruturam suas lógicas de intervenção, ligadas à manutenção de suas vidas e, muitas vezes, às suas táticas de permanências dentro do movimento de transformação do lugar. A outra lógica tem uma racionalidade distante do rés-do-chão como o seu fundamento principal, ela é indutora do movimento de transformação da cidade pelo constructo mental dos especialistas, o qual sobrecodifica o espaço em busca de fazer fluir projeções econômicas, urbanísticas e de ordenamento do urbano que, regidas pelo Estado, idealizam um funcionamento espacial muitas vezes apartado e objetivamente controlador do seu fluxo cotidiano. O conflito entre lógicas é possível de ser sentido na pele durante a experiência do espaço urbano. Os participantes da Oficina MuSA foram estimulados a vivenciarem espaços específicos do Centro de Salvador (o Largo Dois de Julho e a Praça da Piedade) em busca de apreender – com todos os sentidos e as sensações subjetivas dos seus corpos – diferentes dimensões do conflito que é imanente à produção destes espaços soteropolitanos. Perambular por eles se fazia necessário.

Leituras sobre o “homem lento” de Milton Santos,³ assim como sobre o “sujeito corporificado” de Ana Clara Torres Ribeiro⁴ foram discutidas entre os participantes da oficina no primeiro encontro do grupo, em uma sala de aula da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Neste momento, a “ordem próxima” da produção do espaço social de Lefebvre



ganha concretude corporal com o auxílio conceitual de Santos e Ribeiro e na conversa do grupo as diversas cidades que os participantes traziam em seus corpos – Rio de Janeiro, Natal, João Pessoa, Fortaleza, Aracaju, Salvador – surgem enquanto espaços vividos, reconhecidos, apropriados e incorporados por suas práticas cotidianas.

Após a conversa, partimos para o “campo” no Centro de Salvador. No grupo, a relação com os espaços em questão era diversa: entre os membros soteropolitanos (ou moradores da cidade), existia quem já havia morado nos arredores por onde iríamos caminhar, os quais se sentiam familiarizados com o que viveriam, o que lhes fazia pensar num certo anestesiamento dos seus sentidos pela falta de “novidades” no que acreditavam que iriam viver. De um outro lado, existiam os que nunca haviam passado por tais lugares, pois estavam chegando pela primeira vez na cidade, no entanto, as poucas caminhadas que haviam dado pelas ruas de Salvador, já os fazia imaginar a intensidade dos momentos e encontros que viveriam. Certamente este contraste intragrupo geraria distintas experiências do espaço – o que seria extremamente valioso no momento seguinte, da narrativa do vivido pelo grupo. Uma atitude corporal (extra)ordinária – ou distinta do corpo ordinário que caminha em meio a seus afazeres cotidianos, desligado do espaço que interfere ao passar – foi sugerida aos participantes (familiarizados ou não): desinibam as células perceptivas dos seus corpos, estejam com todos os seus sentidos e pensamentos presentes na ação do caminhar; priorizem o olho ao invés das lentes das câmeras fotográficas, o ouvido no lugar do registro do gravador de voz e, quando utilizarem estes equipamentos, percebam a interferência deles

música caracteriza e representa os ocupantes da praça e seus tempos; B. Na calçada de comércio na Av. Sete de Setembro encontramos a mistura de sons de cada loja e ainda o som de forró, pagode, axé, de cada ambulante. Músicas aceleradas comportando-se como os ocupantes da calçada. Pessoas aceleradas, músicas aceleradas, poucas pessoas escutam, poucas pessoas se olham; C. O som da rua onde encontramos mercadinhos e uma feira popular, temos uma MPB calma. Cantam Caetano, Ana Carolina, Chico... e chegamos ao Dois de Julho, onde a música parece conversar com o vento nas árvores, com os pássaros que escutamos com clareza, com os senhores que sentam sob a sombra para prosas, jogos ou pequenos cochilos.



Todos sons públicos, instalados nos alto-falantes das ruas e praças, mas cada um com seu ocupante particular, com seu ouvinte pré-caracterizado. e não houvesse nenhum som, em nenhuma dessas áreas, a cidade se encarregaria desses sons. Os ambulantes da Av. Sete, o trânsito, a fonte da Praça da Piedade e os pássaros e árvores da Dois de Julho”.

“A pilha da máquina acabou. Incorporar o fato então. Um carrinho de coco sendo abastecido de coco, eu nunca vi. Cheiro de milho cozido. Do carro pro carrinho de coco tem o carrinho de supermercado. Tô no ponto de ônibus e os detalhes são imensos. Até quando ficar aqui?

Não percebo meu corpo... Percebo meus sentidos. Corpo é muito abstrato... Na pessoa, é tudo lento.

“Passou um cara e deu o fim de uma coca-cola pro cara (mendigo, morador de rua?) à minha esquerda. Palavra nenhuma houve, o cara nem parou. Impossível saber se eles se conhecem, então crio uma história. A que mais me agrada é pensar num tipo de relação social e urbana que permite um cara dar um resto de bebida a outro, isso ser aceito, e virar um vapor. Esse fato não existiu mais.

Um cara expulsou o morador de rua do meu lado. “Falta quanto tempo pra você sair daí?”. “Vou ter que te levar de novo?”. Desconfio que ele tava armado. O cara não estava nem no banco, tava na chão e saiu andando de bunda. O espaço que ele estava tem agora 8 mulheres e 1 criança”.

‘Cadê o que é meu?... Cadê o que é meu?!’

nos ambientes; observem a si nos espaços percorridos, parem, abram-se aos possíveis encontros; encarem e reconheçam seus limites, reflitam antes de tentar ultrapassá-los, acreditem na possibilidade de ir e também no risco deste ir; atenção às marcas do corpo na cidade (o uso gasta a matéria) e ao corpo marcado pela cidade; deixem-se afetar pelo desconhecido, persistam no afeto, agucem suas curiosidades e vasculhem... A experiência do caminhante que se propõe metodologicamente a apreender o espaço urbano por onde ele perambula exige deste sujeito um estado corporal específico, ou (extra)ordinário, no qual o presente que o rodeia captura tal corpo – impregna a superfície de toda sua pele – em uma vivência reflexiva que fabula questões (e não respostas!) sobre o que presencia. Comunicar tal experiência, após vivê-la, exige criação sobre a reflexão.

Um bar no Largo Dois de Julho foi o lugar marcado para o compartilhar do vivido. Pastéis de camarão, cervejas e o tradicional sanduíche de pernil com queijo cuja ajudaram a recarregar as energias, a soltar os corpos e a intensificar as lembranças das sensações vividas, turvando e desinibindo as reflexões que surgiam na mente sobre a experiência do trajeto. Na mesa, por entre olhares capciosos, paqueras discretas, brindes e gargalhadas, blocos de notas foram lidos, desenhos e imagens fotográficas foram apresentados, observações foram confrontadas, narrativas foram esboçadas e nelas a concretude física do espaço urbano surgia pela ação dos sujeitos que dele se apropria: a lógica de ordem distante do espaço concebido surge nos relatos pela sua legitimação ou não expressa nas diversas apropriações do espaço apreendidas pela experiência do caminhar (extra)ordinário dos integrantes do grupo. O espaço vivido e apropria-





O questionamento lançado repetidamente por um menino de rua que se agarrou à gola da minha camisa me deixou sem reação. Como um bom filho da classe média vieram-me pensamentos que me impulsionavam a uma repulsa violenta; talvez devesse empurrá-lo, ou quem sabe dizer abertamente que nada tenho a ver com sua vida! Mas aquelas palavras me atingiram em cheio. Fiquei estático, apesar de estar andando. “Cadê o que é meu?!” Pele, osso, olhar desesperado, caminhada errante... sem destino.

Realmente, ele havia sido roubado!”

“Minha reação foi rápida. Me afastei com temor (Do que mesmo?!)

‘Se afasta dele! Vamos!’

Todos os meus sentidos se focaram naquele braço desconhecido em cima de um corpo conhecido. Segundos depois refleti sobre minhas atitudes. A situação repetiu-se diversas vezes em minha cabeça. O resto do percurso foi conduzido por um gosto de indignidade mesclado com o da vergonha”.

“PRAÇA DA PIEDADE: Pessoas idosas – momento de descanso, cochilo, bancos disputados, à sombra. Pequenos comércios informais (venda de DVDs, água, refrigerante); engraxar sapatos. Muita sujeira, presença de pombos. Muito fluxo de pessoas, carros. Lugar de passagem, fluxo. A fonte utilizada para refrescar a cabeça, muito barulho de carro, algum barulho de sino da paróquia de S. Pedro. Músicas populares tocadas de pequenos carrinhos de som. Sensação de insegurança.

DOIS DE JULHO: Calçamento. Venda de frutas, restaurantes, bares, mais silencioso, menos fluxo, mais cheio na hora do almoço. Cheiro de fruta, pessoal sentado na “praça”. Presença de muitos homens. Residencial, com presença de pequenos comércios que atendem a demanda local. Homens jogam dominó, é mais convidativo para sentar e apreciar, por conta da sombra, passa uma sensação de segurança maior que a Piedade; mais limpo, poucos pombos. Não parece a mesma cidade. Banca de revista. Bar, tapeçaria, veterinária. Mais tranquilo. Medo de assalto, não há”.

“Chuveiros, artesanatos, balas, arte, salgadinho, corta-coco, conflito motorizado e pedestre. A calçada oposta tomada pelo estacionamento de carros + fluxo + comércio. A praça como atalho – “diagonal”. O descanso das compras. O passo dobrado da criança, que tenta acompanhar a mãe. A busca pela sombra. Dentro/fora: música, pombos e carros. A praça, a fonte e o banho. O observador-oficinante. O banho na praça.

Desvio do passo pelo pombo. Distinção clara do espaço de moradores de rua. O esconderijo da SUCOM: entrou com farda e saiu á paisana. O ritmo do engraxate ao som de música. O corpo – ambulante, vendedor – chip TIM, compro ouro. Tem música dentro – fixo e fora (carrinhos ambulantes). Ele sempre está presente. A moradora me questionou sobre a foto que tirei dela”.

“PRAÇA DA PIEDADE: A interferência da música trazida pelo ambulante vendedor de CDs e DVDs piratas parece ritmar os passos de quem passa. Os gradis e portões de entrada – estes últimos parecem ser pontos de encontro (ex.:

do pelas práticas cotidianas tomaram a primazia nas análises feitas pelo grupo sobre a produção do espaço urbano. A cidade apresentou-se encarnada, corporificada. A complexidade oriunda da simultaneidade de lógicas (próximas e distantes) que atuam na produção do espaço, como sugere Henri Lefebvre, foi atingida no debate que fluiu livremente naquela mesa de bar.

A partir do que tínhamos, precisávamos criar uma apresentação para comunicar aos outros integrantes do Seminário *Corporidade* o “resultado” da Oficina MuSA. No dia seguinte, marcamos o encontro na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA (FAU-UFBA). Até lá, era preciso compilar ideias, rever anotações, selecionar imagens, organizar rascunhos, cruzar as apreensões próprias com as do grupo... Narrar uma experiência coletiva, eis a missão (nada simples!) que tínhamos em mãos. A metodologia utilizada para a construção da apresentação da Oficina foi cada integrante expor aos outros membros do grupo o que produziu, já selecionado, refletido e condensado em alguma forma discursiva pré-concebida, pós a conversa livre do bar na noite anterior.

Ao fim do dia, compilamos imagens em um vídeo,⁵ escolhemos trechos das anotações contidas nos blocos de notas e criamos o roteiro de uma narrativa/*performance*, nada linear, que iria acontecer no dia seguinte, dentro do auditório da FAU-UFBA, sobre a nossa experiência no Centro de Salvador.

Meses depois do Seminário, chega em minha caixa de emails um link da internet⁶ que, ao clicar, cai em um outro espaço narrativo: um ensaio fotográfico, inserido no Facebook, permeado por textos, os quais são desdobramentos da experiência de apreensão do espaço urbano realizada em Salva-



portão em frente à Faculdade de Economia da UFBA). As revoadas dos pombos. O tempo do encontro marcado, e do encontro fortuito, a pausa do almoço, a tentação do cafezinho e da sombra. A busca pela sombra. O celular, o novo amigo na praça, o tempo de espera do ônibus”.

Nestes percursos, dois momentos foram marcantes: o primeiro foi uma conversa que uma das participantes do grupo teve com os vendedores na Praça da Piedade, um vendedor de chaveiro. Este apresentava em sua indumentária um chapéu e um lenço, que chamavam a atenção. No diálogo entre a oficiante e o vendedor, este a informou que aquela indumentária era uma homenagem que ele estava fazendo a uma das pessoas que foram enforcadas na Praça da Piedade, que se chamava Lourenço. Ou seja, seria uma homenagem à memória daquelas pessoas, daquele lugar. É interessante podermos observar que nestes espaços podemos obter várias narrativas relacionadas a determinadas práticas sociais que dizem muito sobre o cotidiano destes espaços.

O segundo momento diz respeito à imagem aquela imagem dos garis ou as pessoas que trabalham na Prefeitura cuidando dos canteiros, ou da pavimentação, ou em alguma coisa desse tipo. Alguns oficinantes perceberam que eles “criaram” um vestiário em um determinado bueiro, situado nas proximidades da Praça da Piedade. Quando termina o expediente, eles entram no bueiro e colocam um cone para informar que tem gente no vestiário, descem e trocam de roupa. Infelizmente não deu para pegar o momento quando eles entravam e saíam, ficou registrado somente através de desenho e na memória dos oficinantes que presenciaram o fato.

Foi uma experiência bem interessante, esta minha primeira participação no Corpodade, que rendeu um espaço propício à discussão sobre a relação espaço-tempo e as formas de uso, apropriações e ressignificações ocorridas nos espaços públicos visitados. ■

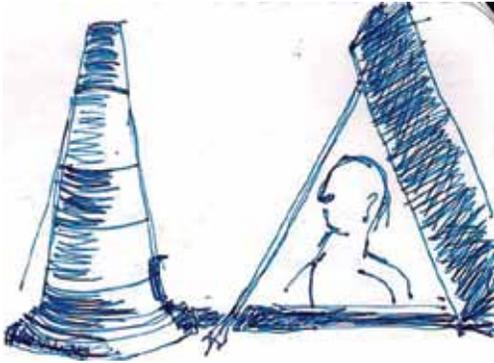
NOTAS

- 1 Experiência realizada como parte da Oficina MUaA, contando com a participação dos seguintes oficinantes: Alessandra Soares, Artur Maia, Carolina Sampaio, Felipe, Lívia Fraga, Marina Camargo, Marina Teixeira, Sanane Sampaio e Sara Medeiros. A Oficina também contou com a participação do “ajudante-caminhante” Eduardo Rocha. As fotografias e textos que ilustram este artigo são creditadas ao grupo de oficinantes.



dor por um casal de namorados, a dupla paraibana Artur e Alessandra, integrantes do grupo da Oficina MuSA. Transcrevo aqui um dos textos do instigante ensaio, prova material que a Cidade do Salvador segue reverberando – e sendo revelada em outras criações – nos corpos que se permitiram à prática (extra)ordinária de apreensão do seu espaço.

‘Olha, que criança bonita!’ – Ana se referia a um lindo garotinho negro que fazia da praça seu parque de diversão. Brincava de escorrego na fonte central, pegava água num balde e despejava onde bem queria, corria por aqui e por ali. Transformava um espaço contornado por grades em algo lúdico. Haja criatividade! – e complementou: ‘Tira uma foto bem bonita dele, vai!’. Eu fui. Devagarzinho me aproximei, até entrar no seu campo de visão. Trocamos olhares. Perguntei: ‘Posso tirar uma foto?’ Percebi que ele era menor do que imaginei, talvez nem falasse direito ainda. Como se mostrou interessado e até sorriu, me senti autorizado. Prestes a dar o clique, escutei uma grave voz feminina vinda de longe: ‘Eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeiiii! Eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeiiii!! Sai daí seu filho de uma puta!! Desgraçado!! Uma porra que você vai lucrar em cima da imagem do meu filho!! Desgraçado! Seu filho da puta!!!’ Concluiu seu contato comigo estirando dedo. Sai de fininho, com o rabo entre as pernas. Já havia lido sobre o caráter violento da atividade fotográfica em alguns livros, mas a primeira vez que realmente me percebi como um possível violentador foi quando recebi como resposta um ato tão violento quanto pode chegar aquele que pratico. – em Salvador, Bahia.’ ■



REFERÊNCIAS

LEFEBVRE, H. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974.

RIBEIRO, A. C. T. Sociabilidade hoje: leitura da experiência urbana. *Caderno CRH*, Salvador, v. 18, n. 45, set./dez. 2005.

SANTOS, M. *O tempo nas cidades*. Texto extraído da transcrição da conferência do autor na mesa-redonda "O tempo na Filosofia e na História", promovida pelo Grupo de Estudos sobre o Tempo do Instituto de Estudos Avançados da USP. São Paulo, 1989.

NOTAS

- 1 O proponente da Oficina, o arquiteto José Clewton do Nascimento, em sua tese de doutorado (premiada pela ANPUR como melhor tese defendida no período de 2007 a 2009) analisa, a partir da teoria lefebvriana do espaço social, as políticas patrimoniais desenvolvidas para duas "cidades históricas" do interior do Ceará, Icó e Sobral.
- 2 LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974.
- 3 Texto lido: SANTOS, Milton. *O tempo nas cidades*. Texto extraído da transcrição da conferência do autor na mesa-redonda "O tempo na Filosofia e na História", promovida pelo Grupo de Estudos sobre o Tempo do Instituto de Estudos Avançados da USP. São Paulo, 1989. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v54n2/14803.pdf>>
- 4 Texto lido: RIBEIRO, A. C. T. *Sociabilidade hoje: leitura da experiência urbana*. *Caderno CRH*, Salvador, v. 18, n. 45, set./dez. 2005. Sobre o conceito "sujeito corporificado" ver também: RIBEIRO, Ana Clara Torres. Dança de Sentidos: na busca de alguns gestos. In: BRITTO, Fabiana D.; JACQUES, Paola B. (Org.) *Corpocidade: debates, ações e articulações*. Salvador: EDUFBA, 2010. Além de: RIBEIRO, Ana Clara Torres. Corpo e Imagem: alguns enredamentos urbanos. *Cadernos PPG-AU/FAUFBA*, Salvador, ano V – número especial, 2007.
- 5 <http://www.youtube.com/watch?v=dLhB6_w6x-0>
- 6 <<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.375751119143505.101514.373561679362449&type=3>>